

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA
VIVIANA FERNANDEZ MARCIAL
FERNANDA MARTINS
[Eds.]

A LITERACIA DA INFORMAÇÃO EM PORTUGAL

UM DIAGNÓSTICO, UM MODELO E
UMA REFLEXÃO PROSPETIVA
(2007-2010)

eCAI 1

PORTO
CETAC.MEDIA
2016

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA
VIVIANA FERNANDEZ MARCIAL
FERNANDA MARTINS
[Eds.]

A LITERACIA DA INFORMAÇÃO EM PORTUGAL
Um diagnóstico, um modelo e uma reflexão prospetiva (2007-2010)

PORTO
CETAC.MEDIA
2016

Ficha técnica:

Título: A literacia da informação em Portugal: Um diagnóstico, um modelo e uma reflexão prospetiva (2007-2010)

Editores: Armando Malheiro da Silva, Viviana Fernandez Marcial, Fernanda Martins

Autores: Armando Malheiro da Silva, Viviana Fernandez Marcial, Fernanda Martins, José Azevedo, Maria Manuela Azevedo Pinto, Susana Guedes, Leticia Silva, Maria Helena Padrão

Coleção: eCAI 1

Edição: CETAC.MEDIA/ Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ISBN:978-989-8648-67

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA
VIVIANA FERNÁNDEZ MARCIAL

Resumo O presente trabalho contém uma parte dos resultados de um projeto da investigação titulado A literacia informacional no Espaço Europeu do Ensino Superior: estudo da situação das competências da informação em Portugal (eLi.pt) e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. No mesmo se estuda o nível de competências informacionais dos estudantes portugueses da universidade e de ensino secundário. Nesta abordagem inicial se oferecem os dados do inquérito aplicado a uma amostra composta por 1624 estudantes matriculados em instituições de ensino do Porto, Vila Real, Bragança, Coimbra, Covilhã, Castelo Branco e Lisboa. Destes, 1242 são alunos do ensino superior enquanto os restantes 346 frequentam o secundário. Tendo em conta as especificidades de cada um destes grupos de ensino, foram construídas duas versões do inquérito, pensadas propositadamente para os dois diferentes contextos abordados. Nestes primeiros resultados, deparamo-nos com um nível muito deficiente de competências cognitivas quanto à seleção, pesquisa, elaboração e filtragem de informação e deparamo-nos ainda com a carência de uma política educacional e bibliotecária/informacional que enquadre melhor e estimule uma adequada performance por parte dos estudantes. Daí a importância e utilidade do modelo eLit.pt que visa mostrar e operacionalizar a articulação das competências cognitivas no âmbito do comportamento informacional e articular o papel das bibliotecas (escolares, públicas e universitárias) os professores, o sistema de ensino e os “grupos informais”.

Abstract The present work contains part of the results of a research project entitled “The information literacy in the European Higher Education: study of the situation of information skills in Portugal (eLi.pt)” that was funded by the Foundation for Science and Technology. In it is studied the level of information literacy of Portuguese university students and secondary school. In this initial approach we present data from the questionnaire applied to a sample of 1624 students from educational institutions of Porto, Vila Real, Bragança, Coimbra, Covilhã, Castelo Branco and Lisboa. Of these, 1242 are students of higher education while the remaining 346 attend secondary school. Taking into account the specificities of each of these educational groups, two versions of the questionnaire were built, specifically designed for the two different contexts addressed. In these first results, it can be seen a very poor level of cognitive skills to select, search, elaborate and filter information as well as a lack of an educational and librarian/informational policy that better fits and encourages an appropriate performance by students. Hence the importance and usefulness of eLit.pt model that aims to show and to operationalize the articulation of cognitive skills in information behavior and to articulate the role of libraries (school, public and university) teachers, education system and "informal groups".

²⁴ Silva, M. A. M. & Fernández Marcial, V. (2009). In J.A. Calixto (Ed.), *Para além da branca de neve: Literacia e aprendizagem na biblioteca escolar*. Lisboa: Colibri, 79-93.

Introdução

O presente artigo parte dos resultados preliminares de um projeto que está a ser realizado e está previsto concluir no mês de Novembro de 2009, intitulado A literacia informacional no Espaço Europeu do Ensino Superior: estudo da situação das competências da informação em Portugal (eLit.pt) e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Pretendemos, aqui, pôr em evidência o papel das bibliotecas á luz da abordagem da literacia da informação ou literacia informacional dentro de uma das três grandes áreas do campo de estudo da Ciência da Informação, designada por comportamento informacional. Fazemo-lo tendo em conta as conexões fortes que este tipo de pesquisa tem com a problemática geral do Ensino Superior e da Política Científica. O objetivo central de eLit.pt é investigar o nível de competências informacionais dos estudantes universitários portugueses.

Importa, por isso, recordar que vem sendo acumulado um fluxo interessante de trabalhos sobre a literacia informacional em que são tratados os conceitos, a definição e os *standard* da literacia informacional, que obras como, por exemplo, a de Bwaden (2001) e a de Virkus (2003), compendiam de forma modelar.

Estabelecidas estas questões mostram-se os objetivos e o alcance do projeto eLit.pt. Mostram-se, também, os resultados obtidos até finais do mês de Novembro de 2008. Na análise destes resultados pomos, aqui, em destaque a situação das bibliotecas no processo de literacia informacional.

Precisões conceptuais

Antes de mais nada interessa conectar o conceito de literacia informacional com o marco referencial da Ciência da informação. Um dos principais problemas que sobressai na literatura científica produzida é que a literacia informacional é abordada como um novo conceito, que surgiu quer para significar competências profissionais no quadro da gestão das organizações ou empresas (aceção empregue por Zuk), quer para abarcar o domínio da alfabetização básica, que compreende a competência essencial de saber ler e escrever como se percebe quando se constata, por exemplo, que ele foi tema tratado na Cimeira sobre a Alfabetização no Século XXI (21st Century Literacy Summit) celebrada em Berlim em 2002. No entanto, a tendência crescente é dar-lhe outra amplitude. Já Lyman (1979, citado por Varela, 2006, p. 19) afirmava que a literacia é a habilidade de compreender matérias, ler criticamente, usar materiais complexos e aprender por si mesmo. E neste sentido importa, cada vez mais, usar a expressão literacia informacional em sintonia com a nova realidade, a “sociedade mediática” da Era da Informação (Manuel Castells), em desenvolvimento, onde aparecem novas formas de alfabetização e novos desafios à necessidade de compreensão e de interpretação do Mundo envolvente.

Varis (2003) define o conceito de brecha digital com uma dupla perspectiva. Assim, por uma parte, podemos falar de uma distância entre diversos sectores da sociedade, segundo distribuição geográfica, social, geracional no que refere á utilização das TICs; e, por outra bem mais subtil, existe uma separação entre as expectativas que tem a sociedade e a escola no uso das tecnologias e no uso real que se faz delas. Acrescente-se ainda que a essa brecha está associada a separação entre os países e os segmentos sociais “ricos” e “pobres”, a qual tem paralelo na brecha informacional porquanto é desigual o acesso à informação. Varis (2003), insiste, aliás, que a segunda perspectiva da brecha digital incide essencialmente na denominada geração net (Kárpáti, 2003):

“Las carencias que tiene la llamada Generación Net y todas aquellas personas que infrautilizan los recursos de información, son causa directa de un aprendizaje autónomo, espontáneo, ausente de orientación y estrategias que redundan en un comportamiento estándar. Resultado de esto es, entre otras manifestaciones, la ausencia de un comportamiento ético en el uso de la información; el espejismo que Internet, y en particular los buscadores, son la mejor y única herramienta de información; el desconocimiento de otros medios de recuperación de información; la ausencia de destrezas para el desarrollo de búsquedas efectivas; y la carencia de criterios para evaluar la calidad de la información” (Fernández Marcial, 2008, pp. 22-23)

Outra questão de interesse é que na revisão da literatura nota-se que a literacia informacional é uma problemática abordada tanto no âmbito da educação, como no âmbito das disciplinas práticas que tendem a construir transdisciplinarmente a Ciência da Informação, definida como a “ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transformação e utilização da informação” (Silva, 2006, pp. 140-141). E dada a dimensão interdisciplinar da C.I., feita a partir de uma dinâmica transdisciplinar. compreende-se que as questões de literacia informacional sejam estudadas e analisadas, através de modelos como o do eLit.pt, na área do comportamento informacional, cruzando abordagens complementares nomeadamente a psicológica e a sociológica (Silva et al., 2008).

Este modelo assenta na premissa de que as competências críticas na procura, avaliação e uso da informação dependem diretamente de condições do meio ambiente (político, jurídico-administrativo, económico, social, cultural de uma região, de um país ou de “espaço” civilizacional mais alargado), do contexto concreto em que se inscreve a(s) atividade(s) da pessoa e cada situação específica que, geralmente no interior de um contexto, desencadeia o motivo ou a necessidade informacional. Dentro do foco do nosso projeto, é possível mostrar a influência de uma iniciativa política no comportamento informacional: a criação do EHEA está a provocar mudanças no sistema educativo de cada país e mais especificamente no contexto institucional de cada escola de ensino superior, afetando, assim, a ação dos estudantes universitários. E

mostrar, também, como o meio ambiente está a globalizar-se, ultrapassando barreiras geográficas através do poder comunicacional de uma língua tendencialmente universal (o inglês): a galáxia da Internet, na sugestiva expressão Castells, tanto veicula e faz incidir sobre as pessoas a pluralidade de fatores do meio ambiente nacional e internacional, como lhes permite que elas se integram em contextos organizacionais específicos e desenvolvam aí uma catividade informacional formativa e profissional através do e-learning ou do teletrabalho.

Do ambiente à situação, o que ressalta na caracterização do comportamento e, mais especificamente, da literacia informacional é a componente psicológica e social das necessidades que, de forma genérica, são envolvidas pelo termo motivação. A pessoa é motivada, ou seja, impulsionada para agir e neste movimento singular pode ter que buscar a informação necessária para, usando-a, criar informação própria define necessidades de informação. Passando esta ideia para o que se passa no sistema educativo percebe-se facilmente que o contexto escolar gera, através dos professores, situações (nas aulas) que tornam inevitável a aquisição e criação de informação, mas este processo de aprendizagem só é bem-sucedido se os estudantes estiverem predispostos (motivados) a participar ativamente com cada docente. Este aspeto é, de facto, essencial no nosso estudo: o plano e a ação curriculares do ensino secundário ou o plano e ação de uma licenciatura nunca mudarão o comportamento informacional dos estudantes se eles não tiverem um mecanismo interno que facilita uma mudança em conduta. Se um estudante tem baixas expectativas perante os recursos de informação convencionais disponíveis este aspeto pode ter reflexo direto na gênese e expansão das suas necessidades informacionais, que serão, naturalmente baixas, afetando a sua disposição e capacidade para avaliar e selecionar. Esta constatação sugere que não devemos cingir, na Era da Informação em que estamos, o comportamento informacional dos estudantes aos recursos apenas formais (biblioteca, recursos educacionais), inserindo, também, na análise, os informais, nomeadamente os fornecidos pela internet, e ainda o rádio, televisão, vídeo game e as pessoas (professores, amigos, família), entre outros.

Reside, aqui, um ponto crítico no âmbito da análise da literacia informacional e que atinge até algum dramatismo corporativo perante o crescente afastamento dos jovens dos recursos formais como as bibliotecas escolares e públicas: os estudantes em particular e as pessoas em geral estão a ser seduzidas facilmente pelos recursos informais, com destaque para a internet, onde não é possível encontrar o textos e outros tipo de informação qualificada, credível e geradora de um nível cultural elevado em quem a assimila. As bibliotecas continuam a ser depositárias de um caudal de informação veiculada pelo sector editorial em papel, recomendado para uma formação científica e cultural profunda e performativa, mas nada nos diz que continuará a ser assim. Por isso, a preocupação dos agentes educativos e dos profissionais da informação não deve ser a de manter uma resistência sem futuro à generalizada sedução dos recursos informais, mas sim a de procurar e incentivar a produção de conteúdos de qualidade tanto na net, como nos media centrais (a televisão, a rádio e a imprensa em papel e on line). Esta ideia decorre dos resultados iniciais obtidos e da proposta que

o modelo eLit.pt encerra na parte operacional ou de intervenção ativa, indicando a urgência de uma articulação dos atores do contexto escolar (secundário e universitário), com destaque para os professores, e os “grupos mistos”, onde se inserem a família dos estudantes, os amigos, os recursos informais, etc.

Entendendo, pois, a aquisição de competências críticas, ou seja, de literacia informacional não apenas em contextos restritos e formais, mas em todo e qualquer contexto transversal à vida dos estudantes, consegue-se, também, ir em busca da tão indispensável motivação pessoal: quem gosta e até despense bastante do seu tempo com videogames, será importante explorar o impacto positivo, que alguns estudos e autores vêm evidenciando, deste tipo de conteúdo no desenvolvimento cognitivo das crianças, adolescentes e jovens. O peso da imagem em movimento portadora de informação/conhecimento na formação intelectual e cívica das pessoas tem de ser articulado com a densidade e polissemia da palavra, sendo certo que esta perdeu (e possivelmente, não recuperará mais) a força que já teve até meados do séc. XX.

Motivar os estudantes supõe, portanto, estar atento às suas predisposições e condicionamentos, o que implica apostar em modelos que deem resposta mais cabal a este objetivo. O modelo de Tom Wilson concebido para o comportamento informacional, embora continue a ser um instrumento de análise útil, está limitado pela sua base teórica que se esgota no binómio do seeking and searching (procura e pesquisa) amarrado aos recursos formais de informacionais, porque nasceu e se desenvolveu em função da existência de bibliotecas e, com a expansão da informática, dos serviços comerciais de informação (bases de dados de periódicos e produtos editoriais comercializados). Tom Wilson pressupõe um comportamento informacional enquadrado por tais recursos, o que contraria o desafio posto acima e que decorre da importância dos recursos informais na vida plena das pessoas. A importância do Google, claro, mas também das denominadas comunidades virtuais Hi5, Orkut, portais em 3D como o Second Life, etc., além da TV digital, do *podcasting* revolucionado pelo iPod da MacIntosh, importante veículo de armazenamento e difusão de informação musical, filmes e até áudio-livros...

Para abarcarmos a complexidade apontada tivemos que desenhar o eLit.pt e começamos com este primeiro projeto um processo de pesquisa empírica por etapas que permita validá-lo ou corrigi-lo como alternativa pensada especificamente para as questões da literacia informacional relativas ao período convencional de formação escolar e universitária e relativas, também, à educação permanente (*life long learning*).

eLit.pt: Metodologia de pesquisa

Em foco no nosso projeto está a pesquisa sobre o nível de competências informacionais dos estudantes portugueses - finalistas do ensino secundário e universitários. Para tanto tornou-se necessário contrastar as competências dos estudantes quando terminam a sua formação secundária com as habilidades

informativas dos estudantes universitários de 1º ciclo, de acordo com o fixado pela reforma de Bolonha. Estes dois itinerários determinam a amostra com a que trabalhamos e que será explicada mais adiante.

Partimos de algumas premissas e evidências para o desenvolvimento da pesquisa. Em primeiro lugar, é necessário desenvolver um estudo específico em Portugal para caracterizar o estado e perspectivas da literacia informacional da população jovem; em segundo, parece claro que, nos pais, não há uma brecha digital, no que toca ao acesso as tecnologias, embora existam problemas quanto ao seu uso eficiente, havendo, assim, um problema de brecha informacional; em terceiro, não é possível determinar as competências informativas dos estudantes sem sujeitar a exame crítico o respetivo sistema de ensino, tanto o secundário, como o universitário; e em quarto, o comportamento informacional difere segundo as distintas áreas geográficas de Portugal.

Estabelecidos estes pontos de partida, a escolha da amostra seguiu critérios simples como o de examinar o mesmo tipo de área geográfica (principalmente cidades) para a escola secundária e universidade. As cidades selecionadas são Porto, Real de Vila, Bragança, Covilhã, Castelo-Branco, Coimbra, Lisboa, Évora e Faro, que, por sua vez, correspondem a regiões com situações socioeconômicas diferentes - norte, centro e sul, combinando litoral urbanizado e o interior rural e “desertificado”.

A amostra inclui os estudantes do último ano da escola secundária (12º grau) como também os estudantes universitários (do 2º ano). A ideia é, neste momento, comparar habilidades em dois estádios diferentes: antes de entrada universitária e durante o período universitário. Foram selecionadas 18 escolas secundárias cotadas no ranking nacional (publicado pelo Guia de Estudante do jornal Expresso, 3 de Novembro 2007) e, por cidade, foram escolhidas duas escolas de cotação diferenciadas. A aplicação do inquérito cobriu um número significativo de estudantes do 12º ano.

No ensino superior, adotámos a distinção entre estabelecimentos de ensino politécnico e de ensino universitário, porque é crível admitir, em ambos, distintos perfis de literacia informacional. As Universidades escolhidas foram a do Porto, a de Trás-os-Montes e Alto Douro, a de Coimbra, a da Beira Interior, a de Évora, a Nova de Lisboa, a Clássica de Lisboa, a Técnica de Lisboa e a do Algarve. E nelas foram selecionados os mesmos cursos: Psicologia, Engenharia Civil, Bioquímica, Arquitetura, Administração, Língua e Literatura. Quanto ao grupo de cursos politécnicos entraram no elenco selecionado o Instituto Politécnico do Porto, o de Bragança, o de Castelo Branco, o de Coimbra e o de Lisboa, com os seguintes cursos: Engenharia Civil, Administração e Enfermagem. A amostra para este conjunto é de 50 estudantes.

A pesquisa desenrola-se em três etapas ou períodos de trabalho. Na primeira etapa, denominada qualitativa (Dezembro 2007-Março 2008), elaborámos um guia de entrevistas. Previamente foi elaborada uma grelha onde foram condensados todos indicadores e *standards* de literacia informacional aplicados á educação. Com este documento de trabalho foram realizados três *focus groups*: a) um grupo de 9 alunos, 4 rapazes e 5 raparigas, de 12º ano da Escola Secundária Rodrigues de Freitas, no Porto,

dos agrupamentos Línguas e Literaturas e Ciências e Tecnologias; b) um grupo de 8 alunos, 3 rapazes e 5 raparigas, de 12º ano da Escola Secundária Aurélia de Sousa, no Porto, do agrupamento de Artes; c) um grupo de 8 alunas do 2º ano do curso de licenciatura em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A entrevista foi dividida em quatro grupos, perfazendo um total de 41 questões:

- Necessidades – este grupo é composto por 15 questões e interpela os alunos relativamente aos seus hábitos de leitura, à sua frequência da biblioteca escolar/faculdade e da biblioteca pública, sobre trabalhos que realizam para as aulas, temas de interesse e apoio ao estudo;

- Pesquisa (e avaliação da pesquisa) – este grupo é composto por 9 questões e interpela os alunos sobre as ferramentas e fontes de pesquisa que utilizam, dificuldades sentidas durante esse processo, uso da Internet e classificação/avaliação da sua forma de trabalho;

- Uso (avaliação dos resultados e da sua utilização) – este grupo é composto por 11 questões sobre a seleção dos resultados de pesquisa obtidos, que manipulação e tratamento dão à informação dos resultados selecionados, estruturação dos trabalhos apresentados e respetivo formato;

- Ética – este grupo é composto por 6 questões relacionadas com a elaboração das referências bibliográficas e citações, o que implica consciência sobre a autoria da informação e a eventual prática de plágio.

Uma vez obtidos, tratados e analisados os resultados desta etapa, começou-se a desenhar o inquérito, passando assim à segunda etapa, denominada quantitativa. O questionário tem 54 perguntas e foi estruturado em quatro grupos principais:

- Grupo básico: inclui o contexto da família e da escola entendendo-se por contexto o espaço composto pelos elementos material (edifício e local físico da acção), tecnológico (equipamento auxiliar em geral e a informática em particular) e simbólico (a dimensão institucional de uma entidade, os papéis e o status dos actores) que envolvem e condicionam os protagonistas de comportamento informacional. .
- Grupo funcional: inclui o papel da mediação das instituições tais como a escola e a biblioteca.
- Grupo transversal: inclui todas as perguntas relativas à maneira como os estudantes acedem, avaliam, seleccionam e usam a diversa informação implicada no processo de aprendizagem.
- Grupo introspectivo: inclui os mecanismos internos (motivação) que conecta com as necessidades de informação.

Tendo em conta as especificidades de cada um dos patamares de ensino focados, foram construídas duas versões do inquérito, contendo diferenças específicas. Ainda assim, e tendo em conta a comparabilidade pretendida entre estes dois conjuntos

populacionais, a estrutura básica das duas variantes do inquérito manteve-se, fazendo-se apenas ligeiras adaptações, sobretudo a nível da terminologia utilizada. Assim, no inquérito direcionado para o ensino superior foi acrescentado o termo BF – biblioteca da faculdade, que, naturalmente, não fazia sentido para os alunos do secundário, acabando mesmo por substituir o termo BE – biblioteca escolar. Foi incluída uma questão que não existe na outra versão do inquérito, e através da qual se pretende saber se o aluno é trabalhador-estudante. A questão “és beneficiário de apoio social escolar” foi convertida em “és beneficiário de bolsa de estudo”. A questão “porque continuaste a estudar depois do 9º ano” foi transformada em “porque continuaste a estudar depois do 12º ano”, e foi acrescentada uma opção de resposta, relacionada com a progressão no emprego.

Na terceira e última etapa, que se inicia a partir de Abril de 2009, serão analisados todos os resultados com o fim de fixarmos um primeiro mapa sistemático das competências informacionais adquiridas ou não pelos estudantes de ensino secundário e universitário, propondo-se um conjunto de estratégias de intervenção para a melhora das habilidades informacionais.

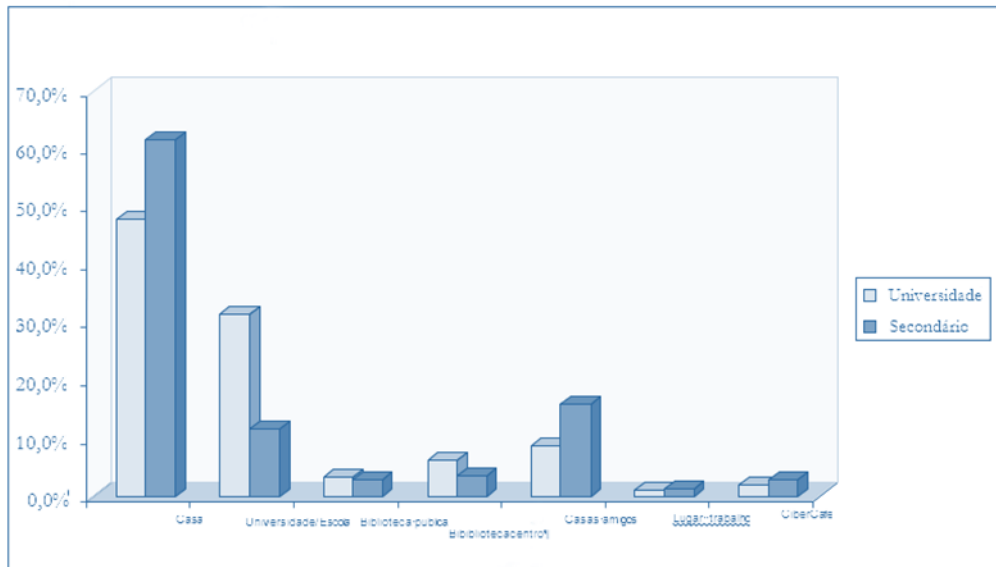
Os resultados que, aqui, se apresentam correspondem à aplicação do inquérito a uma amostra composta por 1624 estudantes matriculados em instituições de ensino do Porto, Vila Real, Bragança, Coimbra, Covilhã, Castelo Branco e Lisboa. Destes, 1242 são alunos do ensino superior, enquanto os restantes 346 frequentam o secundário. O período de trabalho a que estes dados correspondem são os obtidos nos meses de Maio ao Outubro de 2008 e foram tratados mediante o programa de análise estatístico SPSS 15.0.

Resultados

Os resultados obtidos vêm confirmar as premissas que, através do *focus group* e da observação de dados empíricos avulsos, tomamos como quadro inicial.

Em primeiro lugar, comprovamos que os estudantes têm um acesso muito elevado à infraestrutura da tecnologia da informação: 64% de estudantes do nível secundário e 72.6% dos estudantes universitários têm 2 ou 3 computadores em casa. Em ambos os casos, 90% têm uma conexão à internet em casa. Quase 100% de ambos os segmentos confirmam a existência de condições de acesso fácil à Internet na escola/universidade. Os jovens frequentemente usam a internet e eles preferem acedê-la de casa, que é onde, preferencialmente, fazem os trabalhos exigidos no contexto educativo.

Gráfico 2- Lugar de acesso a Internet



O Google é o motor de busca preferido pelos estudantes. Quase 100% da amostra usam este motor de busca frequentemente ou muito frequentemente. Outras opções como Yahoo ou portais portugueses inclusivos, como AEIOU, têm muito baixas percentagens, destacando-se o motor português Sapo como o mais preferido.

Perante estes nítidos traços do comportamento da chamada Geração Net sugere-se que se articule o aproveitamento das novas tecnologias nas estratégias de melhoria do comportamento informacional. Fernández Marcial (2004) defende que elas, nomeadamente a web semântica, podem ajudar a desenvolver as necessárias e adequadas competências informacionais, ideia partilhada por um número grande de tutoriais ou *guide lines*, dentro dos quais sobressai o da Universidade do Texas, designado por TiLT (Texas Information Literacy Tutorial. <http://tilt.lib.utsystem.edu/>). Um exemplo extraído da realidade portuguesa, onde a biblioteca escolar assume um papel activo na literacia informacional, é o projeto BIBCOM.EVORA, cuja coordenação é feita pela Escola Secundaria Gabriel Pereira.

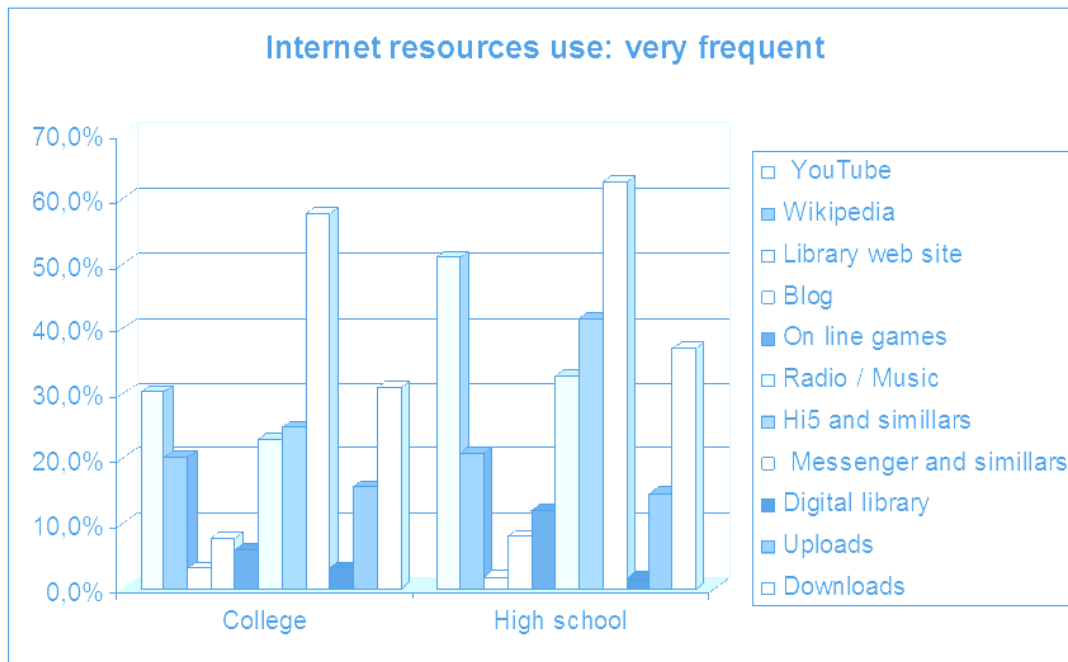
Além dos usos das tecnologias, temos que analisar a qualidade da informação utilizada. Neste sentido temos podido comprovar que os estudantes estão usando recursos gerais, como a Wikipedia, que é muito procurado: 56% dos estudantes do secundário e 54,5 % dos estudantes universitários usou frequentemente ou muito frequentemente. Também os apontamentos do professor são, muito frequentemente, usados por, respetivamente, 68.9% e 79.7%. Mas a biblioteca digital quase não é usada. Só 14.2% de estudantes universitários e 3.6% de estudantes do secundário a utilizam. Valores similares aparecem no caso do uso do *site* das bibliotecas. Se quiséssemos explicar esta situação com a ausência ou presença de cursos de formação em ICT, não parece possível pois esta variável não apresenta relação com o indicador em foco. Os

valores nos dois segmentos são diferentes: 97.1% dos estudantes secundários estão habilitados com treinamento em ICT e só 52.3% dos estudantes universitários declararam tê-la.

Estes dados são significativos se se considerar que os estudantes têm um número importante de trabalhos por disciplinas e curso. Assim, o 76.8% dos estudantes do secundário têm 2-4 trabalhos por ano e 73.2% dos universitários entregam 2-6 trabalhos cada ano.

Como temos indicado em nosso modelo, a conjugação da componente psicológica (motivacional) com a estimulação direta do contexto e do ambiente envolvente constitui a base em que o comportamento informacional se forma e desenvolve. Portanto, se os estudantes utilizam um determinado tipo de recursos, isso indica-nos quais as necessidades mais atendidas: neste gráfico vê-se que o Youtube e o Messenger são os recursos mais usados, significando isto a busca de informação classificada como de entretenimento, embora considerada vital pelos jovens para consolidar a sua socialização e satisfazer o seu natural hedonismo, integrando estes tipos informacionais na sua maturação intelectual e pessoal.

Gráfico 3- Internet resources use



Em contraponto com a tendência e preferência pelos recursos digitais com os seus conteúdos próprios aparecem as bibliotecas, registrando um uso baixo, crítico mesmo. No caso das bibliotecas públicas a situação é ilustrada pelos seguintes dados:

85.7% de estudantes secundários e 82.3% de estudantes universitários declaram que nunca ou raramente as usam, bem como as fontes de informação que elas possuem.

Gráfico 4- Use of public library

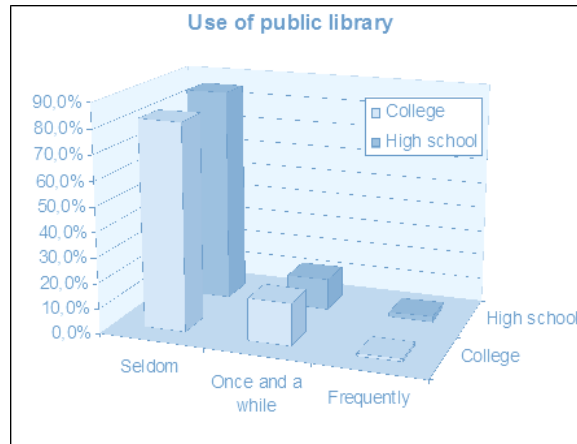
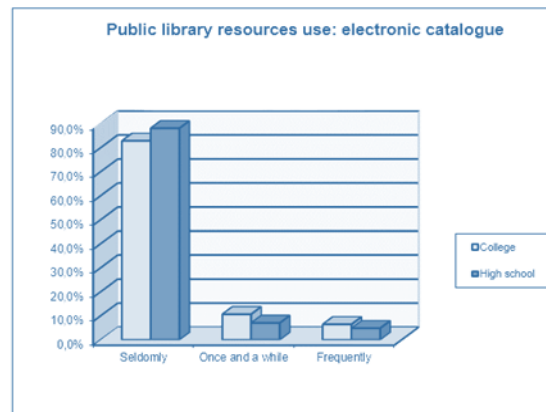


Gráfico 5- Public library resources use



No caso das bibliotecas universitárias e das escolares, encontramos valores relativamente melhores, como se pode ver no seguinte gráfico. Sobre o uso da biblioteca escolar e a biblioteca universitária nós descobrimos comportamentos diferentes entre os dois segmentos. A primeira diferença é que 59,1% dos estudantes secundários nunca ou raramente usam a biblioteca escolar e a percentagem em estudantes universitários diminuiu para 23,8% e quase 50% declaram frequentemente vir para a biblioteca universitária. Segunda, os estudantes universitários utilizaram mais os recursos de biblioteca que os do secundário. E enquanto 88.6 % destes indicam não usar o OPAC, perto do 30% dos estudantes universitários usam este recurso com certa

frequência. Algo semelhante acontece com o uso de recursos de informação eletrônicos (biblioteca digital, bancos de dados, entre outros) em acesso livre. Perto de 90% dos estudantes do secundário e 80 % dos universitários indicam não ter dificuldades para aceder aos recursos das bibliotecas. Elo em certa medida mostra o nível de iliteracia informacional dos estudantes.

Estes resultados virão a ser ampliados e aprofundados, mas já permitem uma estimulante reflexão sobre o posicionamento das bibliotecas no processo de literacia informacional dos estudantes portugueses. Não podem ser feitas generalizações, mas também é certo que estudos e inquéritos produzidos no âmbito de entidades especializadas no monitoramento da Sociedade da Informação e da Educação e Formação Permanente vêm mostrando, o que cada um em nível do senso comum vai percebendo, ou seja, que as instituições e serviços tradicionais e formais de armazenamento e acesso à informação perdem influência e procura das pessoas em geral e dos jovens e estudantes em particular.

Discussão

Ao concluirmos este estudo exploratório achamos oportuno deixar esboçadas algumas linhas contributivas para a reflexão profunda e sistemática que importa empreender em torno da problemática das Bibliotecas na Era da Informação em desenvolvimento.

Por definição a biblioteca, enquanto instituição e serviço, depende diretamente dos produtores e disseminadores externos de informação (editores), refletindo os tipos e os canais/meios técnicos em uso ao longo do tempo. A chamada “cultura erudita ou letrada” teve na biblioteca do final do séc. XVIII, convertida no século seguinte em biblioteca pública instituída e financiada pelo Estado Nação liberal, romântico e capitalista, o seu expoente e espaço próprio, formador e reproduzidor de elites políticas e intelectuais. O livro impresso tornou-se o seu principal “produto” importado da dinâmica cultural e tecnológica da sociedade. Hoje, ainda que não queiramos aceitar o fim do impresso e há argumentos fortes para rejeitar tal ideia (para muitos, um verdadeiro pesadelo!), prece já por demais evidente que muita da informação científica, técnica e jurídico-administrativa essencial para os mais diversos sectores de catividade profissional e para a vida geral dos cidadãos está sendo produzida em suporte digital, mantendo-se a impressão em papel como função usada, mas tendencialmente dispensável, o acesso é incrementado *on-line* e esta tendência está a provocar uma modificação inevitável e irreversível do tipo de suporte que constitui a biblioteca atual – daí a expressão biblioteca digital, que passa a coexistir enquanto serviço de informação com milhares de sites, portais e serviços on-line gratuitos e pagos que disputam a atenção e a satisfação das necessidades informacionais tanto de crianças, como de adolescentes, jovens, adultos e idosos.

A questão central que os bibliotecários precisam encarar com inteligência e serenidade consiste no facto de que a “matéria-prima” incorporada na biblioteca convencional de hoje e na biblioteca digital em crescente expansão, acedida através de um motor de busca poderoso e conhecidíssimo como é o Google é de natureza diferente da que ao longo dos séculos foi sendo produzida por uma elite para elites: os textos não são hoje escritos, nem pensados como há vinte ou cinquenta anos atrás e a presença da imagem ao lado ou sobrepondo-se ao texto, isto é, à força semântica da palavra além de contornável convoca mecanismos cognitivos específicos, mais imediatos e pregnantes, como já foi demonstrado por MacLuhan entre outros, seduzindo e facilitando a preferência por um conhecimento do Mundo que tem no figurativo e no hipertextual/hipermídia o seu alfa e ómega. E assim sendo, a única via e, aliás, algo estreita, de atuação consiste numa sensibilização das políticas públicas na área da cultura e da comunicação, por um lado, e na consciencialização de todos quantos estão envolvidos na produção de conteúdos à escala nacional e internacional ou global a fim de que invistam na qualidade do que é divulgado e até na recuperação de conteúdos “clássicos” que podem ser tornados mais atrativos sem perderem substância. Trata-se de uma via em que os bibliotecários, tal como os conhecemos ainda hoje, não tem como interferir, ao contrario do que sucede com os chamados produtores de conteúdos que, mesclando a função de autor e editor, mandam para o “espaço de fluxos” (a internet segundo Castells) e para o mercado geral da informação o que será procurado, assimilado e usado na formação individual e coletiva das pessoas que vivem nas sete partidas do nosso Mundo.

